

## Escola Superior de Saúde

Curso de Licenciatura em Enfermagem

## Ensino Clínico IV – Enfermagem na Saúde da Mulher e Obstetrícia

## Universidade do Mindelo

Jornal de Aprendizagem

# Discente:

Herman Gonçalves – Nº5019

# Mindelo, Dezembro de 2022

# O presente Jornal de Aprendizagem surge no âmbito da Unidade Curricular Ensino Clínico IV “Enfermagem em Saúde da Mulher e Obstetrícia”, enquadrada no plano curricular do atual 3º ano da Licenciatura em Enfermagem na Universidade do Mindelo. Como apontado pelo Guia Orientador da Unidade Curricular referida, o propósito do presente trabalho será por realizar uma reflexão individual acerca de determinada experiência que, ao decorrer da jornada do Ensino Clínico, tenha sido de forma marcante e desafiadora.

# A elaboração de um jornal de aprendizagem durante os ensinos clínicos mostra-se importante, uma vez que motiva aos estudantes de enfermagem o esclarecimento de ideias e oferece a oportunidade de refletir e partilhar experiências, confirmar a aquisição de sabedorias, auxiliar no desenvolvimento de uma compreensão do processo de aprendizagem e projetar a atuação no futuro.

# Um bom instrumento para analisar e guiar as reflexões é a utilização do ciclo de Gibbs, segundo o qual se orienta este mesmo Jornal de Aprendizagem. O ciclo de Gibbs, introduzido pelo professor da universidade de Oxford Graham Gibbs, é usado pelos profissionais da área de saúde como uma forma destes acessarem e refletirem sobre qualquer situação no seu trabalho. Ao pensar e aprender refletir de forma automática, permite ao profissional adquirir uma ideia de como um método ou as suas ações podem ser melhorados quando uma situação semelhante acontecer (Swanson, 2021).

# Na perspetiva de Alarcão & Rua (2005, p.376), os ensinos clínicos são “momentos de observação e intervenção em contextos de serviços de saúde e afins, com o objetivo de desenvolver capacidade, atitudes e competências”. De caras à diversidade de contextos e situações, o estudante depara-se com a necessidade de refletir, organizar e mobilizar conteúdos teóricos adquiridos e apropriar-se deles. Segundo Sanchez (1999), citado por Mendes (2015), questionar os diversos aspetos da prática diária, obriga o enfermeiro “a refletir sobre o sentido do que fazem e como fazem… interrogações que exigem o encontrar respostas, muitas vezes, na análise e no estudo das áreas do conhecimento que os afetam”.

# O Tema que escolhi para jornal de aprendizagem deriva de uma constatação que pude fazer no serviço de maternidade, onde me encontro a realizar este ensino clínico e que passa, essencialmente, pelo fato de ser um único estudante de enfermagem do sexo masculino presente no serviço de maternidade. Este problema deve-se aos estereótipos de gênero à enfermagem, uma vez que, historicamente, a profissão enfermagem sempre esteve essencialmente ligada a mulher. Segundo Pereira (1991), a enfermagem sempre sofreu muito com o fato de ter maior percentagem de pessoas do sexo feminino entre os seus profissionais, isso porque, durante muito tempo, o trabalho de enfermeiro era comparado ao de uma mãe ou uma religiosa e, assim, mal interpretado pela sociedade.

# Na verdade, essa constatação vem desde o ensino clínico anterior, Enfermagem Comunitária, realizada no Centro de Saúde Ribeira de Craquinha, onde tive a oportunidade de realizar algumas consultas pré-natais, planeamento familiar e consultas e pós-parto. Sempre que as clientes se deparavam com a minha presença eu notava um certo desconforto e esse fato, aos poucos, foi começando a prejudicar o meu processo ensino-aprendizagem.

# Durante a minha primeira consulta pós-parto, a enfermeira, que era no momento a minha orientadora clínica, solicitou à puérpera para que tirasse as roupas para melhor examinação da ferida cirúrgica. Logo de caras, a senhora ficou envergonhada, constrangida e insegura, mas ao mesmo tempo, compreendi de imediato o motivo era que não queria a minha presença. Minha vontade maior era fugir da sala. Não tive inteligência emocional o suficiente para lidar com a situação.

# Daniel Goleman define inteligência emocional consiste na capacidade de “reconhecer os nossos sentimentos e os dos outros, de nos motivarmos e de gerirmos bem as emoções em nós e nas nossas relações” (Conceição, Ribeiro & Campos, 2012).

# Pela primeira vez, durante os ensinos clínico, posso afirmar que eu tive sentimentos de ansiedade, medo e impotência face ao meu desempenho. Um exemplo de evento experienciado foi ao realizar o toque vaginal. A ansiedade e medo (medo de ser julgado pelo fato do sexo masculino) não me permitiu realizar o procedimento corretamente e nem consegui obter nenhuma avaliação. Pela primeira vez, senti-me impotente.

# Mas não demorou muito, rapidamente consegui corrigir os meus pensamentos e lapidar as minhas emoções para mostrar segurança as clientes. As estratégias utilizadas para facilitar a gestão emocional das clientes foram: promover espaço de expressão emocional; garantir confidencialidade; promover a proximidade; explicar; orientar; utilizar tom de voz calmo; postura aberta, calma e descontraída; transmitir segurança; usar técnicas de distração. A presença de uma enfermeira do género feminino facilitou muito a comunicação e o desenrolar da consulta de enfermagem.

# Apesar de tudo isto, e fazendo desde já uma avaliação sobre o tema, considero que no final, graças ao apoio das enfermeiras, consegui adaptar-me a situação gerindo as minhas emoções e sentimentos. Para além disso, enquanto estudante de enfermagem, foi bom ter passado por estas experiência, pois consegui perceber que eu também me sinto vulnerável nestas situações, pois julgava ter contruído à minha volta uma barreira para não me deixar afetar. Tudo se trata de uma abordagem inicial, isto é, conversar com a cliente, colocá-la numa situação confortável.

# Posto isso, analisando as situações descritas a cima, pode-se constar-se que é de extrema importância trabalhar a mentalidade das pessoas. Hoje, os homens já se encontram numa série de atividades no contexto do cuidar familiar e profissional. Porém, ainda persistem múltiplos estereótipos de género que afetam o comportamento individual e coletivo nomeadamente na área da saúde.

# 

# Referências Bibliográficas

1. da Conceição Alves, J. A., Ribeiro, C., & Campos, S. (2012). A inteligência emocional em enfermeiros responsáveis por serviços hospitalares. Revista de Enfermagem Referência, III(7),33-42.[fecha de Consulta 4 de Diciembre de 2022]. ISSN: 0874-0283. Recuperado de: https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=388239966003
2. Diogo, Paula, Madalena Oliveiral, Patrícia Baltar, and Hugo Martins. 2019. “As Experiências Dos Estudantes Rapazes Em Ensino Clínico de Enfermagem Na Área Da Saúde Sexual e Reprodutiva : Competência Emocional e Género.” *Livro de Actas CIAIQ2019 Vol.2* 2(July):569–80.
3. Pereira-Mendes, Anabela. 2016. “O Exercício Reflexivo Na Aprendizagem Clínica : Subsídio Para a Construção Do Pensamento Em Enfermagem.” *Revista Electrónica Educare* 20(1):1–23. doi: <http://dx.doi.org/10.15359/ree.20-1.9>.
4. Ramos, V. A. B. (2016). O processo de luto. Disponível em https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1021.pdf
5. Swanson, M. (2021). Como usar o ciclo reflexivo de gibbs. Disponivel em https://www.ehow.com.br/ciclo-reflexivo-gibbs-como\_70640/